

DICOTOMIA OU TRICOTOMIA?

Compreendendo a natureza humana¹

por

Paulo Sérgio de Araújo

INTRODUÇÃO

Nos compêndios teológicos, os termos “dicotomia” e “tricotomia” normalmente aparecem na seção “Antropologia” (ou “Doutrina do Homem”). Esta lida, dentre outras coisas, com a seguinte questão: “De quais elementos o ser humano é constituído?”. Para responder a essa indagação antropológica, surgiram algumas linhas de pensamento dentro do Cristianismo, das quais mencionarei aqui apenas as duas mais proeminentes: a dicotomista e a tricotomista.

Segundo os dicotomistas, o homem seria constituído de *duas* partes: corpo e alma (= espírito). Para eles, “alma” e “espírito” são usados na Bíblia como sinônimos, referindo-se à única porção imaterial e imortal de nosso ser, que preserva as atividades pessoais após a morte do corpo físico.

É provável que a concepção mais difundida na maior parte da história do pensamento cristão é a de que os homens são compostos de dois elementos: um aspecto material, o corpo; e um componente imaterial, a alma ou espírito. O dicotomismo foi comum desde os tempos mais remotos do pensamento cristão. Após o Concílio de Constantinopla em 381, porém, cresceu em popularidade a ponto de ser praticamente a crença universal da igreja.²

Para os tricotomistas, contudo, o ser humano seria formado de *três* componentes: corpo, alma e espírito. Em linhas gerais, os tricotomistas

¹ Todas as citações bíblicas deste estudo foram extraídas da Bíblia *Almeida Corrigida e Revisada* (1994), traduzida por João Ferreira de Almeida, e publicada pela Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

² ERICKSON, Millard J. *Introdução à Teologia Sistemática*. Editora Vida Nova, 1ª edição, 1997, pgs. 228-29.

sustentam que a alma é a sede do intelecto, das emoções e da vontade, ao passo que o espírito, o elemento responsável pelo relacionamento do homem com Deus. A tricotomia apóia-se, sobretudo, em dois textos bíblicos: 1 Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 4.12.³

O conceito do homem tripartido originou-se na filosofia grega, que entendia a relação mútua entre o corpo e o espírito do homem segundo a analogia da mútua relação entre o universo material de Deus. Pensava-se que, justamente como estes só podiam ter comunhão um com o outro por meio de uma terceira substância ou de um ser intermediário, assim aqueles só podiam entrar em relações mútuas vitais por meio de um terceiro elemento, ou de um elemento intermediário, a saber, a alma.⁴

Embora a dicotomia seja o ponto de vista preponderante dentro do Cristianismo, desde os primórdios, a tricotomia sempre encontrou adeptos, sobretudo a partir do século dezenove, quando essa teoria foi revigorada por teólogos europeus.⁵ Atualmente, a tricotomia é bastante popular entre muitos evangélicos.

Por fim, convém ressaltar que, a despeito dessas divergências, tanto dicotomistas quanto tricotomistas, que são irmãos em Cristo, têm um ponto em comum: todos eles acreditam na imortalidade da alma, ou seja, na idéia de que uma parte do ser humano prossegue vivendo, conscientemente, depois da morte.

QUAL CONCEPÇÃO ENCONTRA APOIO BÍBLICO?

Um exame mais cuidadoso dos dados bíblicos leva a crer que a concepção dicotômica é a que mais se aproxima daquilo que as Escrituras ensinam acerca da natureza humana.⁶ Os argumentos em prol da dicotomia não apenas são mais numerosos, mas também mais convincentes que os argumentos em favor da tricotomia. Enquanto a dicotomia apóia-se numa grande variedade de textos

³ Alguns poucos cristãos enxergam bases para a tricotomia em 1 Coríntios 2.14-3.4 e 14.14. Porém, tais passagens raramente são empregadas pelos próprios tricotomistas, devido à sua patente fragilidade para apoiar a constituição tríplice do ser humano. Isso explica por que tais passagens não são analisadas neste estudo.

⁴ BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Editora Cultura Cristã, 3ª edição, 2007, pg. 177.

⁵ *ibid.*, pg. 177.

⁶ Ao usar o termo “dicotomia”, não está sendo defendida nenhuma espécie de “dualismo”, segundo o qual apenas a alma seria boa, superior, ao passo que o corpo físico seria mau, indesejável e inferior. Tal idéia contraria a Bíblia, pois esta ensina que o homem é uma *unidade-composta-divisível*, formado de corpo e alma, e que esses dois elementos são igualmente bons, visto que foram criados por Deus. Emprega-se, neste estudo, a designação “dicotomia” apenas para dizer que o homem compõe-se de duas partes.

bíblicos (tanto do Antigo quanto do Novo Testamento), que trazem claras lições sobre a constituição humana, a tricotomia ancora-se, basicamente, no fato de as palavras “alma” e “espírito” aparecerem, juntas, nas passagens de 1 Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 4.12, o que é um argumento indefensável.

Neste estudo, será demonstrado que a Bíblia, quando em contextos que tratam de antropologia (ou não), empregam *alma* e *espírito* como sinônimos. Ou seja, esses dois termos falam da *única* parte do ser humano que se mantém consciente após a dissolução do corpo, motivo pelo qual a dicotomia deve ser considerada a teoria que melhor explica a composição humana.

O contexto das declarações de 1 Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 4.12 não permite extrair lições sobre a natureza humana

Fazendo uma leitura objetiva, direta dos versículos usados para fundamentar a tricotomia, fica difícil extrair deles qualquer lição sobre antropologia. Isso só seria possível se partíssemos do *pressuposto* extrabíblico, pessoal de que 1 Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 4.12 estão falando desse assunto. Em outras palavras, em vez de deixar esses textos falarem por si mesmos, naturalmente, precisaríamos *forçá-los* a dizer que o homem tem dois elementos imateriais em sua composição. E por quê? Porque o contexto em que *alma* e *espírito* aparecem, nessas duas passagens, impede-nos de extrair quaisquer pistas sobre a natureza do homem. O simples fato de essas duas palavras serem *citadas* num texto, juntas ou não, de forma alguma pode nos levar à conclusão de que esse texto esteja tratando de antropologia.

Não podemos nos esquecer que *alma* e *espírito* são palavras polissêmicas, ou seja, possuem diversos significados, motivo pelo qual o contexto em que elas aparecem é *fundamental* para sabermos se estamos ou não perante uma passagem que nos ensina algo sobre a natureza humana. Para comprovar isso, observem, nos três grupos de passagens abaixo, como que esses dois vocábulos, dependendo do contexto, têm seu conteúdo semântico modificado:

E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso *espírito* [gr. *pneuma*], e *alma* [gr. *psyche*], e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo (1Ts 5.23).

Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até à divisão da *alma* [gr. *psyche*] e do *espírito* [gr. *pneuma*], e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração (Hb 4.12).

Nesse primeiro grupo, que contém os dois versículos de apoio à tricotomia, “alma” e “espírito” são apenas mencionados em contextos nos quais os

escritores sagrados tratavam, respectivamente, da importância da santificação para os crentes e do poder penetrante da palavra de Deus no ser humano. Em momento algum é dito, em 1 Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 4.12, que o homem *tem* uma alma e/ou um espírito em sua constituição. Esses dois versículos tão-somente *citam* esses vocábulos, um ao lado do outro; entretanto os tricotomistas *vão além* e afirmam que tal citação é uma lista contendo os nomes das *partes* que o ser humano tem em sua estrutura.

Passemos para o segundo grupo de textos:

Todas as *almas* (heb. *nephesh*), pois, que procederam dos lombos de Jacó, foram setenta *almas*; José, porém, estava no Egito (Êx 1.5).

Deram-lhe também um pedaço de massa de figos secos e dois cachos de passas, e comeu, e *voltou-lhe* o seu *espírito* [heb. *ruach*], porque havia três dias e três noites que não tinha comido pão nem bebido água (1Sm 30.12).

Será que Moisés, no primeiro versículo acima, usou *nephesh* para referir-se à parte imaterial e indestrutível de nossa constituição, que continua consciente após a morte do corpo? É evidente que não, pois o contexto em que esse vocábulo hebraico aparece não dá margem alguma para essa conclusão. Em Êxodo 1.5, *nephesh* significa “pessoas”. Já no contexto de 1 Samuel 30.12, *ruach* tem o sentido de “forças”, “vigor”, e não de um espírito imaterial que teria saído e, depois, retornado ao corpo daquele homem que recebera alimento. Ou seja, nesses dois versículos o contexto não nos fornece qualquer informação sobre nossa natureza.

Agora, leiam o terceiro e último grupo de textos—que podem ser usados *somente* para defender a dicotomia—e percebam como que o ambiente em que *alma* e *espírito* são empregados traz-nos lições acerca de antropologia:

E aconteceu que, *saindo-se-lhe* a *alma* [heb. *nephesh*] (porque morreu), chamou-lhe Benoni; mas seu pai chamou-lhe Benjamin (Gn 35.18).

Então se estendeu sobre o menino três vezes, e clamou ao SENHOR, e disse: Ó SENHOR meu Deus, rogo-te que a *alma* [heb. *nephesh*] deste menino *torne a entrar nele*. E o SENHOR ouviu a voz de Elias; e a *alma* do menino *tornou a entrar nele*, e reviveu (1Rs 17.21, 22).

E o pó volte à terra, como o era, e o *espírito* [heb. *ruach*] volte a Deus, que o deu (Ec 12.7).

E não temais os que matam o corpo e não podem matar a *alma* [gr. *psyche*]; temei antes aquele que pode fazer perecer no inferno a *alma* e o corpo (Mt 10.28).

E o seu *espírito* [gr. *pneuma*] *voltou*, e ela logo se levantou; e Jesus mandou que lhe dessem de comer (Lc 8.55).

À universal assembléia e igreja dos primogênitos, que estão inscritos nos céus, e a Deus, o juiz de todos, e aos *espíritos* [gr. *pneuma*] dos justos aperfeiçoados (Hb 12,23).

E, havendo aberto o quinto selo, vi debaixo do altar as *almas* [gr. *psyche*] dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram (Ap 6.9).

Examinando-se esse terceiro grupo de passagens, constatamos que “alma” e “espírito” aparecem num contexto completamente diferente, que nos permite asseverar que o homem *tem* uma alma ou espírito em sua composição, que *sai* do corpo por ocasião da morte. Diferentemente de 1 Tessalonicenses 5.23, Hebreus 4.12, Êxodo 1.5 e 1 Samuel 30.12, os textos desse terceiro grupo são, portanto, *normativos* quando investigamos a natureza humana, pois eles trazem nítidas lições sobre esse tema.

Enfim, o que está sendo ressaltado com esses três grupos de passagens é que, alterando-se o contexto, *alma* e *espírito* adquirem significados totalmente diferentes. E, como vimos, somente os versículos do terceiro grupo (Gn 35.18; 1Rs 17.21, 22; Ec 12.7; Mt 10.28; Lc 8.55; Hb 12.23; Ap 6.9) contêm ensinamentos sobre nossa constituição. Com relação a 1 Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 4.12, o ambiente em que “alma” e “espírito” aparecem, nesses textos, impossibilita-nos de legislar sobre antropologia. A simples *citação* desses dois termos, sem levar-se em conta o contexto, não prova absolutamente nada. Para mim, a tricotomia só teria fundamento bíblico se existisse alguma passagem que dissesse algo do tipo: “E aconteceu que, *saindo-se-lhe a alma* e o *espírito* (porque morreu)...”; “E o seu *espírito* e a sua *alma voltaram*, e ela logo se levantou...”. Como tal passagem não existe, a tricotomia revela-se insatisfatória para explicar a natureza humana.

A Bíblia usa *alma* e *espírito* como sinônimos

Há uma porção de textos mostrando que a alma e o espírito têm as *mesmas* características e funções, o que só pode nos fazer concluir que esses dois vocábulos são tratados na Bíblia como sinônimos, referindo-se à única parte imaterial e imortal do homem. Como veremos, tudo aquilo que a alma *é*, o espírito também *é*, e tudo aquilo que a alma *faz*, o espírito também *faz*. Isso,

evidentemente, vai de encontro à concepção tricotômica , pois esta apregoa que a alma e o espírito são dois elementos distintos, que realizam tarefas distintas.

Vejam, na tabela abaixo, algumas passagens em que *alma* e *espírito*, em contextos que tratam de antropologia,⁷ são empregados pelos autores bíblicos como sinônimos:

Alma	Espírito
É imaterial e imortal (Gn 35.18; 1Rs 17.21, 22; Mt 10.28; At 2.27, 31; 20.10; Ap 6.9-11; 20.4).	É imaterial e imortal (Sl 146.4; Ec 12.7; Lc 8.55; At 7.59; Hb 12.23; Tg 2.26).
Vivifica o corpo. Quando sai, o corpo morre; quando retorna, o corpo é vivificado (Gn 35.18; 1Rs 17.21, 22; Mt 10.28; At 2.27, 31; 20.10; Ap 6.9-11; 20.4).	Vivifica o corpo. Quando sai, o corpo morre; quando retorna, o corpo é vivificado (Sl 146.4; Ec 12.7; Lc 8.55; At 7.59; Hb 12.23; Tg 2.26).
Relaciona-se com Deus (Ap 6.9-11; 20.4).	Relaciona-se com Deus (At 7.59; Hb 12.23).

Interpretando os dados dessa tabela, podemos fazer algumas afirmações:

1. Tanto a alma quanto o espírito são imateriais e imortais. Ou seja, ambos sobrevivem à morte do corpo. Isso depõe contra a idéia de alguns tricotomistas de que a alma cessa de existir quando o corpo morre, restando apenas o espírito.
2. Tanto a alma quanto o espírito dão vida ao corpo físico. Ou seja, alma e espírito foram criados por Deus com uma mesma função: vivificar o corpo material.
3. Tanto a alma quanto o espírito dos justos vão para o céu, para desfrutar da presença do Senhor. Tais informações bíblicas colidem com o argumento tricotomista de que somente o espírito relaciona-se com Deus.⁸

Usando ainda essa tabela, vejamos como a igualdade entre *espírito* e *alma* salta aos olhos quando fazemos uma comparação entre dois textos: 1Reis 17.21, 22 e Lucas 8.55. Se realizarmos uma rápida leitura desses dois relatos de ressurreições, de imediato já notamos que eles são quase que idênticos, a não

⁷ Outros textos ainda poderiam ser incluídos nessa tabela, porém resolvi omiti-los por julgá-los ambíguos: neles, *alma* e *espírito* podem ou não estar falando sobre a porção imaterial e indestrutível de nosso ser. Diante dessa ambigüidade interpretativa, optei por alistar nessa tabela somente os textos que trazem, claramente, *alma* e *espírito* no seu sentido antropológico.

⁸ A Bíblia também diz que o espírito tem intelecto (1Co 2.11), a despeito de os tricotomistas alegarem que essa faculdade seja exclusiva da alma.

ser por uma única diferença: enquanto 1Reis 17 traz a palavra “alma”, Lucas 8 traz a palavra “espírito”. Como veremos, essa diferença é muito significativa, pois comprova que *espírito* e *alma*, quando em contextos que tratam de antropologia, identificam-se tanto pelo que *são* quanto pelo que *fazem*:

1. Em 1Reis 17.21, 22, quando a “alma-*nephesh*” sai do corpo, a pessoa morre. Em Lucas 8.55, quando o “espírito-*pneuma*” sai do corpo, a pessoa também morre.
2. Em 1Reis 17.21, 22, quando a “alma-*nephesh*” volta ao corpo, a pessoa revive. Em Lucas 8.55, quando o “espírito-*pneuma*” volta ao corpo, a pessoa também revive.
3. Em 1Reis 17.21, 22, a “alma-*nephesh*” não morre junto com o corpo. Ou seja, ela é imortal. Em Lucas 8.55, o “espírito-*pneuma*” também não morre junto com o corpo. Ou seja, ele também é imortal.
4. Em 1Reis 17.21, 22, a “alma-*nephesh*” é imaterial. Em Lucas 8.55, o “espírito-*pneuma*” também é imaterial.
5. Em 1Reis 17.21, 22, a “alma-*nephesh*” é essencial para vivificar o corpo. Em Lucas 8.55, o “espírito-*pneuma*” também é essencial para vivificar o corpo.
6. Em 1Reis 17.21, 22, a “alma-*nephesh*” é um elemento que faz parte da constituição humana. Em Lucas 8.55, o “espírito-*pneuma*” também é um elemento que faz parte da constituição humana.

Como ficou claro, *alma* e *espírito* não apenas são idênticos (são elementos imateriais e imortais da natureza humana), mas realizam a mesmíssima função (fazem com que o corpo tenha vida), e isso corrobora, mais ainda, a tese de que o homem é um ser dicotômico.

Ainda existem dezenas de outros versículos que, apesar de não usarem *alma* e *espírito* no seu sentido antropológico, usam-nos, da mesma forma, como sinônimos. Por exemplo, vejamos algumas passagens nas quais esses dois termos, em contextos que falam do relacionamento do justo com Deus, são usados indistintamente:⁹

Assim como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha *alma* [heb. *nephesh*] por ti, ó Deus (Sl 42.1).

Bendize, ó minha *alma* [heb. *nephesh*], ao SENHOR, e tudo o que há em mim bendiga o seu santo nome. Bendize, ó minha *alma*, ao SENHOR, e não te esqueças de nenhum de seus benefícios (Sl 103.1, 2).

⁹ GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática*. Editora Vida Nova, 1ª edição, 1999, pgs. 389-92.

Louvai ao SENHOR. Ó minha *alma* [heb. *nephesh*], louva ao SENHOR (Sl 146.1).

Com minha *alma* [heb. *nephesh*] te desejei de noite, e com o meu *espírito* [heb. *ruach*], que está dentro de mim, madrugarei a buscar-te... (Is 26.9).

Disse então Maria: A minha *alma* [gr. *psyche*] engrandece ao Senhor, e o meu *espírito* [gr. *pneuma*] se alegra em Deus meu Salvador (Lc 1.46).

Como se constata, para os autores bíblicos era indiferente dizer que a “alma” ou o “espírito” se relacionava com Deus, pois a mentalidade hebraica, tanto dos dias do Antigo quanto do Novo Testamento, desconhecia qualquer diferença entre esses dois termos.¹⁰ As Escrituras, pois, usam *alma* e *espírito* como sinônimos, seja para falar de antropologia (como nos textos alistados na tabela acima) ou não, motivo pelo qual não deveríamos contrariar esse uso.

Análise de 1 Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 4.12

A partir de agora, será levada a efeito uma análise dos principais textos de apoio da tricotomia: 1 Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 4.12, visto que até agora só fizemos alguns breves comentários sobre esses dois versículos.

E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso *espírito* [gr. *pneuma*], e *alma* [gr. *psyche*], e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo (1Ts 5.23).

Como já havíamos assinalado, os tricotomistas vêm nessa passagem uma prova de que o apóstolo Paulo acreditava na triplicidade da natureza humana, pois ele mencionou, ao lado de “corpo”, as palavras “espírito” e “alma. Eis duas razões por que discordamos dessa conclusão. Em primeiro lugar, o fato de as palavras “alma” e “espírito” serem mencionadas num texto não indica que esse texto contenha alguma lição sobre a constituição humana. É o *contexto* que determina se essas palavras estão sendo usadas para falar desse assunto ou não (v. pg. 3). Se o critério para decidir se *alma* e *espírito* estão falando sobre antropologia fosse simplesmente o “critério da *citação*”, então poderíamos

¹⁰ Se fizermos uma contagem da ocorrência de *alma* e *espírito* em toda a Bíblia, em contextos que falam de adoração, o resultado mostrar-se-á totalmente desfavorável à idéia tricotomista de que *somente* o espírito se relaciona com Deus. Em cerca de oitenta por cento das ocorrências desses dois vocábulos, é dito que a *alma*, e não o espírito, relaciona-se com o Criador. Portanto, os números bíblicos só vêm a corroborar a tese de que as Escrituras tratam esses dois termos como sinônimos, seja para falar de antropologia ou não.

pegar qualquer texto bíblico no qual essas palavras aparecessem e, em seguida, alegar que esse texto está falando sobre nossa natureza. Entretanto, além de falta de bom senso, isso seria um erro em nossa exegese. Utilizando tal método interpretativo, no qual o contexto é desprezado, qualquer pessoa poderia defender ou inventar a teoria que quisesse, e aí a interpretação bíblica transformar-se-ia num perfeito “vale-tudo”, onde a criatividade do intérprete seria o único limite.

Desse modo, é inegável que 1Tessalonicenses 5.23 menciona as palavras “espírito”, “alma” e “corpo”, uma ao lado da outra. O que se questiona, porém, é a afirmação dos tricotomistas de que Paulo, ao dispor essas palavras dessa forma, tivesse deixado uma lista contendo os nomes das *partes* de nossa estrutura. O contexto dessa citação paulina não nos permite tirar essa conclusão.

Em segundo lugar, é sempre útil fazer uma comparação bastante esclarecedora entre 1Tessalonicenses 5.23 e a seguinte declaração feita por Jesus:

Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu *coração*, e de toda a tua *alma*, e de todo o teu *entendimento*, e de todas as tuas *forças*; este é o primeiro mandamento (Mc 12.30; v. tb. Mt 22.37; Lc 10.27).

Se o fato de os termos “espírito”, “alma” e “corpo” serem *citados*, juntos, em 1Tessalonicenses 5.23 indica, necessariamente, que esse texto contém informações sobre antropologia, dando a entender que o homem *tem* três elementos em sua constituição, então como que os tricotomistas interpretam essas palavras de Jesus? Afinal, nosso Senhor *citou* quatro termos, um ao lado do outro: “coração”, “alma”, “entendimento” e “forças”. Nesse caso, os tricotomistas não deveriam concluir, também com base no “critério da citação”, que o homem é composto de cinco partes (incluindo-se o corpo), em vez de três? Ao usar essas palavras, será que Jesus estava descrevendo as *partes* de nossa constituição?

Ora, seguramente tanto dicotomistas quanto tricotomistas, deparando-se com os termos “coração”, “alma”, “entendimento” e “forças”, em Marcos 12.30, logo entendem que o Filho de Deus, longe de falar sobre antropologia, valeu-se de um recurso didático a fim de reforçar a idéia de *totalidade* do ser humano: o homem deve amar a Deus com *todo* o seu ser. Essa noção de totalidade fica ainda mais evidente quando observamos que esses quatro termos vêm acompanhados pelo adjetivo “todo”: “...*todo* o teu coração... *toda* a tua alma... *todo* o teu entendimento... *todas* as tuas forças...”. Ao lançar mão desse expediente, Jesus não estava dando uma lista dos componentes de nossa estrutura, e por isso mesmo Ele estava livre para adicionar, caso quisesse, mais termos além dos que usou, pois obteria o mesmo resultado: “Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu

entendimento, e de todas as tuas forças, e de todo o teu *espírito*, e de toda a tua *mente*...”.

E é esse mesmíssimo raciocínio que devemos aplicar à passagem de 1 Tessalonicenses 5.23 (e, também, ao texto de Hb 4.12):

1. Do mesmo modo que Jesus empregou quatro palavras para enfatizar a idéia de *totalidade* do ser humano, sem com isso deixar qualquer lição sobre antropologia, o mesmo ocorre com a declaração de Paulo. Ao citar os termos “espírito”, “alma” e “corpo”, o apóstolo não estava transmitindo ensinamento algum sobre nossa natureza, mas apenas dizendo aos tessalonicenses que eles deveriam estar *totalmente* santificados para a vinda do Senhor. Paulo não quis dizer que somos constituídos de três partes.
2. Assim como na fala de Jesus, na de Paulo os vocábulos “espírito”, “alma” e “corpo” encontram-se acompanhados por palavras que passam essa idéia de totalidade: “...vos santifique em *tudo*; e *todo* o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam *plenamente* conservados *irrepreensíveis*...”.
3. Da mesma forma que Jesus tinha liberdade para usar quantos termos quisesse em Sua fala, igualmente Paulo poderia ter dito aos tessalonicenses: “E o mesmo Deus de paz vos santifique em *tudo*; e *todo* o vosso espírito, e alma, e corpo, e *coração*, e *entendimento*, e *forças* sejam *plenamente* conservados *irrepreensíveis*...”. Essa liberdade reside no fato de que tanto Jesus quanto Paulo, em suas declarações, não estavam expressando suas crenças antropológicas.

Procedamos, agora, à análise do último texto que, junto com 1 Tessalonicenses 5.23, forma o alicerce da tricotomia: Hebreus 4.12. Percebam como que a análise deste é idêntica à que fizemos daquele.

Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até à divisão da *alma* [gr. *psyche*] e do *espírito* [gr. *pneuma*], e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração (Hb 4.12).

Ao empregar essa linguagem, estaria o autor da carta aos hebreus passando alguma lição sobre nossa natureza, ensinando que *temos* dois elementos imateriais: uma alma e um espírito?

Em primeiro lugar, além de “alma” e “espírito”, não podemos nos esquecer de que também foram mencionados os vocábulos “juntas” e “medulas”. Dessa forma, se Hebreus 4.12 fala sobre antropologia, de modo que *cada item* alistado corresponde a um elemento de nossa constituição, então os tricotomistas devem admitir, por questões de coerência, que somos formados de cinco (e não

três) componentes: “alma”, “espírito”, “juntas”, “medulas” e corpo, e não de três.

Em segundo lugar, é significativo que o autor sagrado, ao mencionar os termos “alma”, “espírito”, “juntas” e “medulas”, pretendeu, a exemplo do que fizeram Jesus (Mc 12.30) e Paulo (1Ts 5.23), enfatizar a *totalidade* do ser humano. Essa interpretação é amparada pelo contexto:

Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração. E não há criatura alguma encoberta diante dele; antes *todas* as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar (Hb 4.12, 13).

Conforme o escritor, a “palavra de Deus” é tão “viva e eficaz”, que ela “penetra”, atinge o ser humano em sua *totalidade*, de modo que “*todas* as coisas” ficam “nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar”. Absolutamente nada escapa, nem mesmo “os pensamentos e intenções do coração”. E para enfatizar essa integralidade do ser humano atingida pela palavra, o escritor empregou, livremente, o mesmo recurso didático utilizado por Jesus e Paulo, valendo-se dos vocábulos “alma”, “espírito”, “juntas” e “medulas”.

Enfim, 1Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 4.12 não fazem qualquer alusão à natureza humana. As declarações desses versículos podem ser facilmente compreendidas à luz: (1) de seu contexto imediato, (2) de uma comparação entre o seu conteúdo e o de Marcos 12.30, e (3) do conhecimento de que a Bíblia usa os vocábulos “alma” e “espírito” como sinônimos.

Um elemento *impessoal* não pode relacionar-se com Deus

De acordo com os tricotomistas, a alma é responsável pelo intelecto (pensamento, raciocínio, *etc.*), emoções (alegria, tristeza, *etc.*) e volição (vontade, decisão, *etc.*). Já o espírito, este é a parte que se relaciona com Deus (espiritualidade). Porém, penso que essa distinção feita entre *alma* e *espírito* acaba gerando uma grande contradição para a concepção tricotômica, como explico abaixo.

Sabe-se que os atributos que qualificam um ser pessoal são intelecto, emoção e vontade, de modo que qualquer criatura desprovida dessas características não pode ser considerada uma pessoa. (Uma pedra, uma árvore ou um animal irracional, por exemplo, não são seres pessoais, pois não possuem essas qualidades.) Em vista disso, como que fica a posição tricotômica ao ensinar que tais atributos estão presentes *apenas* na alma? Ora, se nosso espírito não pensa,

não sente e não tem vontade, então só podemos concluir que ele não é uma pessoa, mas uma “coisa”, um elemento impessoal. Porém, como que uma “coisa” pode relacionar-se com Deus ou com quem quer que seja? Como que os tricotomistas solucionam essa contradição?

Para nós, esse problema—que surge a partir do momento em que os tricotomistas diferenciam a alma do espírito, contrariando, assim, o uso bíblico desses dois termos—é intransponível. A menos, é claro, que admitam que as Escrituras não fazem qualquer distinção entre esses dois vocábulos, considerando-os sinônimos.

CONCLUSÃO

Como demonstramos neste estudo, a concepção tricotômica da natureza humana não encontra apoio nas Escrituras. Construir um argumento somente em cima da *citação* dos termos “alma” e “espírito”, em 1 Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 4.12, é, para nós, uma linha de defesa muito frágil e, portanto, indefensável. Para comprovar a constituição tríplice do ser humano, os tricotomistas precisariam apresentar algum texto que dissesse que o homem *tem* uma alma e um espírito. Entretanto, tal texto não pode ser encontrado na Bíblia, em parte alguma.

Em contraposição, existem bastantes passagens—que só podem ser usadas na defesa da dicotomia—mostrando que o homem *tem* um componente imaterial e imperecível em sua estrutura, que se separa do corpo no momento da morte. Como se isso não bastasse, ainda há muitas e claras evidências de que os escritores bíblicos usavam *alma* e *espírito* como sinônimos, estivessem falando sobre antropologia ou não. Se eles não faziam qualquer distinção entre esses dois vocábulos, então contrariar isso acaba gerando problemas e incoerências para nosso entendimento bíblico acerca da constituição humana.

Por fim, talvez os leitores tenham percebido que os assuntos “Natureza Humana” e “Destino Humano” estão íntima e inseparavelmente relacionados, pois nossa antropologia (o que somos) afeta diretamente nossa escatologia individual (para onde vamos após a morte). Não é por acaso que muitos dos textos bíblicos que relatam o momento da morte de pessoas, ou o estado delas no pós-túmulo, são centrais para aprendermos acerca de nossa constituição (e vice-versa). Esses dois assuntos são as duas faces de uma mesma moeda e, portanto, devem ser tratados sempre em conjunto, uma vez que o conhecimento de um lança luzes sobre o outro.

Ora, saber do vínculo entre esses dois temas reveste-se de grande relevância para esse debate, visto que a dicotomia, além de ter a seu favor o fato de *alma* e *espírito* serem usados na Bíblia como sinônimos, apóia-se em textos que falam

sobre o destino do homem após a morte. No entanto, a tricotomia busca refúgio em duas passagens que não têm qualquer lição acerca do que se sucede com a pessoa no momento da morte, tampouco sobre a condição dela no além. Portanto, a dicotomia é, sem dúvida, uma concepção muito mais sólida e confiável quando queremos conhecer nossa constituição, uma vez que os textos que a apóiam falam sobre o Destino Humano, assunto este que, como vimos, está umbilicalmente ligado à Natureza Humana.

Foi por causa da quantidade e do poder de convencimento de todas essas evidências que nos propusemos a defender, neste estudo, a dicotomia, reputando-a como a posição que está de acordo com aquilo que as Escrituras ensinam sobre nossa natureza. Deus nos criou com duas partes: corpo e alma (= espírito).

Paulo Sérgio de Araújo

BIBLIOGRAFIA

1. Charles Hodge. *Teologia Sistemática*. Editora Hagnos, 1ª edição, 2001.
2. Louis Berkhof. *Teologia Sistemática*. Editora Cultura Cristã, 3ª edição, 2007.
3. Millard J. Erickson. *Introdução à Teologia Sistemática*. Editora Vida Nova, 1ª edição, 1997.
4. Wayne Grudem. *Teologia Sistemática*. Editora Vida Nova, 1ª edição, 1999.